

Segurança para investidores

O governo tem procurado sinalizar a empresários e investidores que é seguro colocar dinheiro no país. Nos últimos anos, o setor produtivo se deparou com falta de previsibilidade e baixo crescimento. O pouco dinheiro investido pela indústria teve como destino o aumento da produtividade e não o da capacidade instalada. Não havia a quem vender. Além disso, o governo aumentou sua voracidade sobre a poupança privada para financiar a dívida pública. Por isso, ressalta o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, a necessidade de se aumentar o superávit primário para 4,25% do PIB. Segundo ele, esse superávit permitirá ao governo reduzir a necessidade de empréstimos para se financiar.

Ao precisar de menos di-

nheiro para bancar suas dívidas, o governo fará sobrar reais no sistema financeiro, ampliando a poupança interna. Essa poupança seria aumentada pela criação dos fundos de previdência complementar do setor público, originários da reforma previdenciária. Essa oferta maior de recursos obrigaria os bancos a reduzir os juros de seus empréstimos e as empresas teriam onde conseguir dinheiro para ampliar o parque produtivo.

Nesse contexto entra o cenário microeconômico. O governo tem dúvidas sobre quanto tempo levará para que a retomada dos investimentos resulte no aumento da produção. Há setores, como siderurgia, borracha, papel e celulose, que não suportariam, hoje, crescimento superior a 4% na

demanda interna. A atual capacidade instalada está no limite, mostra estudo realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) — *veja quadro ao lado*.

A se confirmar tal cenário, parte da indústria teria que reduzir as exportações priorizando o mercado doméstico e comprometendo o ajuste das contas externas. Hoje, pelos dados do Banco Central, as contas externas só estão equilibradas graças aos dólares trazidos pelas exportações. Para superar esse gargalo, o governo conta com a reconquista da confiança dos investidores externos. Ao abrir mão de um superávit maior na balança comercial, as contas externas seriam novamente financiadas, mesmo que por um período curto, pelo investimento estrangeiro.